



8º Seminário dos Trabalhadores da Construção



Dias 15 e 16 de maio de 2010

Escola de Ciência da Informação - Campus da UFMG

Intensificar as lutas contra o arrocho salarial, as péssimas condições de trabalho, os “acidentes” e contra a escravidão. Ampliar a organização da classe.

1. Aumentar as lutas e a união, desenvolver a conscientização e a organização da classe!

Este nosso seminário é um importante espaço para debatermos os caminhos para aumentar a mobilização, a conscientização dos operários e impulsionar a resistência contra a situação de superexploração e verdadeiro massacre que os patrões impõem atualmente nos canteiros de obras.

O setor da construção está superaquecido, com obras pra todo lado, os patrões lucram rios de dinheiro; mas as condições de trabalho estão cada vez piores e os salários super-arrochados. Para manter os salários arrochados, os patrões gananciosos e inescrupulosos utilizam “gatos” para buscar trabalhadores do interior de Minas e dos estados do norte e nordeste do país e submetem estes companheiros às mais sub-humanas condições de trabalho, alojamento que são verdadeiros chiqueiros e até a trabalho escravo. Quando termina a obra, estes trabalhadores são lesados e jogados no olho da rua. A maioria dos trabalhadores vindos de fora são contratados por gatos mantidos pelas grandes empresas, forma das construtoras burlarem ainda mais os direitos trabalhistas. Só não levam cano aqueles trabalhadores que procuram o Marreta que aciona as gatas e construtoras contratantes na justiça do trabalho.

O arrocho salarial está cada dia maior. O preço dos alimentos, água, luz, material escolar, roupas, remédios, etc, não param de subir. Só o nosso salário que fica congelado, com reajuste previsto apenas para o mês de novembro, época da nossa data-base. O governo FMI-Lula e as centrais sindicais traidoras fazem conchavos e dizem que o salário mínimo nunca esteve tão valorizado e que a situação dos trabalhadores está melhor. Pura demagogia e conversa fiada. O salário mínimo de R\$ 510,00, descontado 8% de INSS mais 6% de vale transporte cai para R\$ 438,60. Esse valor não assegura sequer a compra da alimentação necessária para o trabalhador e sua família. O salário mínimo necessário no mês de abril/2010 teria de ser de **R\$ 2.257,52**,

segundo cálculos do DIEESE, levando em conta o que está escrito na Constituição, no artigo 7º, inciso IV (São direitos dos trabalhadores urbanos e rurais, além de outros que visem à melhoria de sua condição social: “salário mínimo fixado em lei, nacionalmente unificado, capaz de atender às suas necessidades vitais básicas e às de sua família, como moradia, alimentação, educação, saúde, lazer, vestuário, higiene, transporte e previdência social, reajustado periodicamente, de modo a preservar o poder aquisitivo, vedada sua vinculação para qualquer fim.”) Só que a lei não é cumprida no país quando se trata de interesse dos trabalhadores e do povo pobre.

A greve é um instrumento de união e luta da classe.

A greve é um instrumento para unir coletivamente os trabalhadores e combater as péssimas condições de trabalho e o arrocho salarial. Ao mesmo tempo é uma escola de combate, onde os trabalhadores desenvolvem a sua consciência de classe, veem o antagonismo que existe entre os seus interesses e os da classe patronal. As greves também são instrumentos de politização, onde os trabalhadores verificam a natureza das suas dificuldades e como se comporta o governo, a justiça, a polícia e todos aparatos do Estado que se colocam a serviço da patronal.

O sindicato é uma organização para unir e defender os interesses dos trabalhadores. Mas para isso ele precisa ter uma direção classista. Hoje a maioria do o movimento sindical está apodrecido, dominado por posições oportunistas e conciliadoras com a burguesia e seu governo.

Os trabalhadores precisam participar dos seus sindicatos e garantir que a linha classista e de combate prevaleça na direção das lutas. Outra questão muito importante é desenvolver uma forte organização nos locais de trabalho e de moradia, criando Comissões de Luta.

Como enfrentar as dificuldades de mobilização para as greves?

Apesar do enorme arrocho salarial e do superaquecimento da construção; tem sido reduzida a participação dos trabalhadores nas assembléias convocadas pelo Sindicato e nas mobilizações e greves da categoria. Na campanha salarial do ano passado, apesar do intenso trabalho de convocação da diretoria do Sindicato, a presença nas assembléia não superou o número de quatrocentos companheiros e a greve decidida em assembléia foi deflagrada apenas no canteiro de obras do shopping Boulevard Arrudas (construtora OAS). Nas outras empresas a greve furou.

A patronal tem utilizado estratégias para desorganizar a união e a luta dos trabalhadores, como estipular pagamento por produção, reduzir o número de ajudantes, etc. Devido a situação de dificuldades financeiras dos trabalhadores, muitos buscam uma saída individual, aumentando o número de horas de trabalho, e trabalhando alguns meses fichados para depois da demissão pegar o seguro desemprego e trabalhar nesse período sem registro em carteira.

Este ano, várias categorias têm feito greves massivas, como a atual greve dos trabalhadores em educação. O violento arrocho salarial leva os trabalhadores à luta. Por outro lado, os patrões e seu Estado usam de todas as formas para atacar e cercear as greves dos trabalhadores. Além da repressão da polícia, as mentiras e ameaças divulgadas na imprensa paga pelos patrões; este ano, aumentou a intervenção do judiciário nas greves, com a aplicação de altas multas nos sindicatos visando intimidar as direções sindicais.

Como ocorreu no caso dos rodoviários, onde a direção sindical ficou totalmente intimidada

com as ameaças do fascista desembargador Caio de Melo, e desarticulou a combativa greve da categoria. Também no caso dos médicos, professores particulares e agora na greve dos professores da rede estadual, também essa justiça burguesa aplicou as mesmas ameaças e multas. Os professores da rede estadual, no dia 6/05, tomaram a justa posição de não aceitar a interferência da justiça e continuaram com a greve.

O nosso desafio é articular uma grande mobilização dos trabalhadores este ano para enfrentar este violento arrocho e as péssimas condições de trabalho. Devemos aproveitar este grande momento onde as obras da construção estão muito aquecidas para arrancar a melhoria salarial. As ameaças de demissão que são sempre usadas pelas construtoras para tentar impedir as paralisações, neste ano não terão muito peso, pois os trabalhadores estão tendo várias ofertas de emprego e poderão trabalhar em várias outras obras, além das empresas terem que pensar duas vezes antes de demitir devido aos custos da demissão e a falta de mão de obra. Os trabalhadores não tem nada a temer.

Dê sua opinião no debate em grupo:

Por que os operários tem se mobilizado pouco nas campanhas salariais?

Como enfrentar as dificuldades de mobilização para as greves?

Como enfrentar a precarização das condições de trabalho, “os acidentes” e o trabalho escravo?

As frequentes mortes, mutilações e graves ferimentos sofridos pelos operários nos canteiros de obras são na verdade crimes premeditados que ocorrem devido a ganância patronal que impõem péssimas condições de trabalho, superexploração e até mesmo trabalho escravo. As ditas “autoridades” do Estado burguês e o Sinduscon (sindicato patronal) são coniventes e cúmplices desses crimes.

Em recente audiência pública contra as mortes e mutilações por “acidentes” de trabalho, realizada dia 10 de maio, na Comissão de Direitos Humanos da Assembléia Legislativa, a diretoria do Sinduscon sequer compareceu, mostrando todo seu descaso com a vida dos operários. Os patrões covardes mandaram apenas uma funcionária que, segundo ela, foi lá apenas na condição de ouvinte, mesmo porque a patronal não tem argumento nenhum para contestar a situação de massacre nos canteiros de obras. O que os covardes e canalhas divulgaram foi a alegação de ocorrência de 0,004% de acidentes. Além de mentiroso, esse índice revela que a vida dos operários se reduz à mera estatística e não tem valor para os patrões, a não ser quando acrescentam cifras bilionárias nos seus cofres.

Um dia após a audiência pública mais um “acidente” de trabalho tirou a vida do operário MANOEL RODRIGUES DE ALMEIDA, 51 anos, trabalhador da empreiteira Geoservice, obra da construtora MIP – Rua Pernambuco, 753 – Savassi – BH. O companheiro teve a cabeça esmagada por uma peça de 500 kilos que se desprendeu da torre do bate-estacas. A obra não tinha técnico de segurança e a máquina de bate-estacas estava sucateada, com mais de 20 anos de utilização e sem a manutenção devida.

São inaceitáveis as precárias condições de trabalho nas obras. Diariamente ocorrem graves ferimentos em operários, mutilações e até mortes devido as péssimas condições de trabalho, ao

ritmo acelerado, jornada excessiva, falta de medidas coletivas e individuais de proteção para os trabalhadores e a falta de alimentação no local de trabalho. As empresas não cumprem a legislação trabalhista e de segurança (NR-18, NR-24, etc.); não promovem os cursos obrigatórios de treinamento admissional e periódico visando garantir a execução dos serviços com segurança. O que impera nos canteiros de obras é a pressão no cumprimento dos cronogramas, a produção acelerada e o descaso com a vida dos operários.

Os empresários assassinos, corruptos e parasitas da construção ficam cada vez mais ricos através da superexploração do suor e do sangue dos operários e até a utilização, cada vez mais frequente, de trabalho escravo. As construtoras trazem trabalhadores de outras regiões, principalmente do norte de Minas, Vale do Jequitinhonha e do nordeste do país, a maioria jovens, que são jogados nas obras, superexplorados e submetidos a verdadeira escravidão. Estes trabalhadores são mantidos em alojamentos - verdadeiros “chiqueiros” - nas próprias obras ou nas periferias da cidade, onde faltam as mínimas condições de higiene, ventilação, iluminação, sanitários, camas, etc. Na maioria dos canteiros de obras os operários trabalham sem ter o treinamento de segurança exigido por lei, sem os equipamentos de segurança individual que não são fornecidos pelas empresas e sem a proteção de medidas coletivas que também não são instaladas.

Centenas de operários tem a vida interrompida pelos empresários assassinos. A maioria das mortes e acidentes sequer são divulgados. A imprensa burguesa só noticia os casos mais graves de mortes que não tem como ocultar. O monopólio de imprensa encobre a situação de massacre nos canteiros de obras e o nome das construtoras pois elas são os maiores anunciantes das redes de televisão, jornais e rádios.

Nos quatro primeiros meses de 2010, em casos que vieram à público, dezessete operários perderam a vida por culpa das construtoras, em Minas Gerais. Sobre os milhares de operários feridos ou mutilados não existe sequer levantamentos. O Sindicato que defende a melhoria das condições de trabalho e de salários dos operários que é obrigado a contabilizar as mortes para defender a vida dos trabalhadores.

Em obras de responsabilidade do próprio governo estadual, três operários morreram este ano. Empresas do governo de Minas, como a CEMIG e a COPASA terceirizam os serviços e causam inúmeros “acidentes de trabalho”. Até a Assembléia Legislativa, DRT e Tribunal de Justiça utilizam empresas terceirizadas. No próprio dia da audiência sobre “acidentes de trabalho”, o sindicato denunciou a empreiteira Conslan que presta serviços na Assembléia Legislativa em horário inadequado e proibido pela legislação trabalhista.

As empreiteiras R. Barbosa, Infracon e Empreser, culpadas pelas mortes na COPASA são subcontratadas pelo governo Aécio/Anastásia e como outras empreiteiras terceirizadas, são protegidas ou mesmo são de propriedade das ditas “autoridades” e políticos safados, que descumprem todas as normas de proteção do trabalho e as leis trabalhistas. Obrigam os operários a executar todos os tipos de serviços perigosos sem nenhuma segurança e com salários baixíssimos. A censura imposta na imprensa por Aécio/Anastásia acoberta esses crimes como acobertou também as mortes e mutilações de operários nas obras da faraônica Cidade Administrativa.

Tanto o governo Anastásia/Aécio quanto o governo Lula com sua demagogia do programa “minha casa, minha vida”, são cúmplices do genocídio que ocorre na construção. O governo FMI-Lula beneficia como nunca as grandes construtoras e até mesmo incentiva o descumprimento da legislação trabalhista. Nas obras do PAC se paga salários menores que o das convenções coletivas de trabalho, a terceirização corre solta e a maioria dos trabalhadores não tem sequer a carteira assinada.

O número de fiscais do Ministério do Trabalho para fiscalizar as condições de trabalho em todas as empresas do estado de Minas Gerais (853 cidades) é aproximadamente 200, número ridículo

e totalmente insuficiente. Já para a repressão o governo tem gente de sobra, mais de 40.000 militares em MG, além de milhares de outros policiais civis, federais, guardas municipais, etc. Em todo o Brasil a situação é a mesma. Sobram policiais para reprimir o povo e fiscais para arrecadar impostos enquanto inexistem a fiscalização das condições de trabalho e se expande o trabalho escravo e o massacre sobre os operários. A ação do Ministério do Trabalho também extremamente burocrática, as multas são irrisórias e frequentemente nem pagas são; as empresas desrespeitam até os embargos e os laudos de acidentes de trabalho levam meses para serem concluídos.

Os operários, a maioria muito jovens, estão sendo trucidados nas obras; obrigados a trabalhar sem qualquer proteção. Alguns casos significativos desse massacre:

- O pintor ALÍPIO FERNANDO TEIXEIRA, de apenas 21 anos, sofreu queda de andaime, dia 11/3, na obra da Empreiteira de Pinturas São José. O andaime estava todo irregular, não tinha tela, guarda-corpo, rodapé e nem estava devidamente forrado. Após a queda, o companheiro Alípio ainda ficou aproximadamente uma hora agonizando no passeio à espera do Samu e faleceu no local.

- O jovem servente de pedreiro, CHARLES FERREIRA DA SILVA, de apenas 18 anos, foi soterrado pelo deslizamento de toneladas de terra, na obra da Via Sul Engenharia, na sexta-feira, dia 12/3, quando foi obrigado a fazer escavação em um tubulão com profundidade de 4 metros, sem qualquer escoramento do barranco próximo. O serviço nesta obra na Rua Joaquim Nabuco, nº 642, bairro Nova Suíça, BH, não poderia ser feito pois o canteiro de obras estava totalmente embargado desde o dia 1º de fevereiro pelos auditores-fiscais do Ministério do Trabalho que haviam exigido escoramento de todos os barrancos devido aos riscos eminentes de acidentes.

- O jovem operário ROBERTO ADRIANO RIBEIRO DE LIMA, 25 anos, morreu esmagado durante desmontagem de grua, dia 9 de abril, na obra da construtora Patrimar, Rua Ingá, 382, bairro Belvedere. ROBERTO DE ASSIS PEREIRA, 25 anos, também ficou gravemente ferido no “acidente”, com fraturas no crânio e tórax. O operário PAULO CÉSAR VIEIRA DE FARIA, 31 anos, ficou preso na grua, com fraturas múltiplas, inconsciente e salvo pelo corpo de bombeiros de uma altura de 90 metros. Os operários feridos permanecem internados em estado grave na UTI do Hospital de Pronto Socorro João XIII. Esse acidente aconteceu por culpa da empresa Patrimar e da empresa terceirizada RS Montagens, que colocaram trabalhadores sem a necessária qualificação para executar o serviço e sem acompanhamento de técnico de segurança. O equipamento também estava sem manutenção, o que causou o rompimento do cabo de aço e a queda. A Patrimar contratou uma empresa de fundo de quintal para executar o serviço e assim economizar e lucrar mais.

É um absurdo que os empresários assassinos continuem soltos, tirando a vida e lucrando com as mortes dos operários. A exigência do Sindicato é que os donos das construtoras assassinas tenham que ser imediatamente presos e não continuar soltos matando e mutilando. O problema é que a justiça, a polícia e os outros órgãos públicos estão todos a serviço da classe patronal e não punem os empresários assassinos e exploradores de trabalhadores. Mesmo os empresários culpados por mortes de operários em casos de grande repercussão, como o desabamento da Gameleira, desabamento do edifício Jorge Wilson, etc, até hoje permanecem sem a devida punição.

Na luta contra o massacre na construção e por condições seguras de trabalho devemos organizar comissões de luta nos locais de trabalho (fora do alcance da patronal) e nos locais de moradia, aumentar a exigência do cumprimento das NRs 18, 24, etc., alimentação nos canteiros de obras (fornecimento de almoço e café da tarde) e interferir nas eleições de CIPAS, elegendo companheiros combativos nessas comissões.

Quais outras ações devemos fazer para enfrentar a precarização das condições de trabalho, “os acidentes” e o trabalho escravo?

Organizar Comissões de Luta

É preciso organizar grupos de companheiros nos canteiros de obras e demais locais de trabalho, criando COMISSÕES DE LUTA. As comissões devem ser organizadas fora dos olhos da patronal e de seus agentes, podendo ser nos locais de trabalho ou nos locais de moradia.

É preciso avançar a consciência dos trabalhadores com base no classismo combativo, independente, no anti-corporativismo e no combate a todo oportunismo; único caminho para levar as lutas pela derrocada deste cruel e explorador sistema imperialista. Essa é a forma da classe se unir para resistir aos ataques aos poucos direitos que temos; para combater a desigualdade, arrocho, desemprego, fome, miséria; e para mudar esta atual realidade de acúmulo e ostentação de imensa riqueza por uma minoria à custa da revoltante miséria da imensa maioria.

Participar nas CIPAS

A grande maioria das CIPAS – Comissões Internas de Prevenção de Acidentes - hoje nos canteiros de obras são controladas pelas empresas. O direito dado aos patrões de escolher o presidente da CIPA reduz em muito a atuação das Comissões. Apesar disso, devemos intervir na formação das CIPAS, e lutar para torná-las atuantes, aproveitando que é vedada a dispensa arbitrária ou sem justa causa do empregado eleito para cargo de direção da Comissão Interna de Prevenção de Acidentes desde o registro de sua candidatura até um ano após o final de seu mandato.

A NR-5 dispõem sobre as CIPAS e destaca, entre outras questões:

- É de responsabilidade do empregador convocar as eleições para escolha dos representantes dos empregados, sessenta dias antes do término do mandato.

- O edital de convocação deverá ficar afixado durante quinze dias, de maneira que todos os empregados que queiram se candidatar tomem ciência e se inscrevam.

- a) No ato da inscrição o candidato deverá receber um recibo;

- b) Todos os candidatos inscritos terão garantia de emprego até a eleição;

- O empregador deverá constituir a Comissão Eleitoral cinquenta dias antes do término da gestão em curso, que será responsável pela organização e acompanhamento do processo eleitoral.

- Deverá ser publicado em Edital de Divulgação o nome dos empregados que se candidataram, esse deverá estar afixado durante quinze dias, de maneira que todos os empregados tomem ciência dos candidatos inscritos.

- Deverá ser realizada a eleição no prazo de trinta dias antes do término do mandato.

NR-18 e NR-24

A NR-18, norma regulamentadora nº 18, estabelece um conjunto de medidas sobre as Condições e Meio Ambiente de Trabalho que devem ser adotadas na Indústria da Construção. Já a NR-24 estabelece as Condições Sanitárias e de Conforto que também devem ser adotadas nos Locais de Trabalho.

Todo diretor e ativista sindical deve conhecer essas normas e exigir o seu cumprimento. Na maioria dos casos, as empresas burlam essas medidas que são obrigatórias por lei. Os trabalhadores

devem avançar a sua organização de forma a exigir que as medidas coletivas e individuais de proteção sejam implantadas e não aceitar trabalhar em situações que sua vida seja posta em risco.

Na **NR-18** encontramos com detalhe, entre outras, as seguintes questões sobre segurança, condição de trabalho e das instalações:

18.3 - Programa de Condições e Meio Ambiente de Trabalho na Indústria da Construção
- PCMAT

18.4 - Áreas de Vivência (instalações sanitárias, vestiário, alojamento, local de refeições, etc.)

18.5 - Demolição

18.6 - Escavações, Fundações e Desmonte de Rochas

18.7 - Carpintaria

8.8 - Armações de Aço

18.9 - Estruturas de Concreto

18.10 - Estruturas Metálicas

18.11 - Operações de Soldagem e Corte a Quente

18.12 - Escadas, Rampas e Passarelas

18.13 - Medidas de Proteção contra Quedas de Altura

18.14 - Movimentação e transporte de materiais e pessoas

18.15 - Andaimos e Plataformas de Trabalho

18.16 - Cabos de Aço e Cabos de Fibra Sintética

18.17 - Alvenaria, Revestimentos e Acabamentos

18.18 - Telhados e Coberturas

18.19 - Serviços em Flutuantes

18.20 - Locais Confinados

18.21 - Instalações Elétricas

18.22 - Máquinas, Equipamentos e Ferramentas Diversas

18.23 - Equipamentos de Proteção Individual

18.24 - Armazenagem e Estocagem de Materiais

18.25 - Transporte de Trabalhadores em Veículos Automotores

18.26 - Proteção Contra Incêndio

18.27 - Sinalização de Segurança

18.28 - Treinamento

18.29 - Ordem e Limpeza

18.30 - Tapumes e Galerias

18.31 - Acidente Fatal

18.32 - Dados Estatísticos

18.33 - Comissão Interna de Prevenção de Acidentes - CIPA - nas empresas da Indústria da Construção

18.34 - Comitês Permanentes Sobre Condições e Meio Ambiente do Trabalho na Indústria da Construção

18.35 - Recomendações Técnicas de Procedimentos RTP - Arquivo PDF (75kb) Ícone:
Arquivo PDF.

Anexo I - Ficha de Análise de Acidente

Anexo II - Resumo Estatístico Anual

Anexo III - Plano de Cargas para Gruas

Anexo IV - Plataformas de Trabalho Aéreo

Na **NR-24** é destacado o seguinte:

24.1. Instalações sanitárias.

24.2. Vestiários.

24.3. Refeitórios.

24.4. Cozinhas.

24.5. Alojamento.

24.6. Condições de higiene e conforto por ocasião das refeições.

24.7. Fornecimento de água potável e higiene nos locais de trabalho.

Convenção Coletiva de Trabalho

Todos os diretores, delegados e ativistas sindicais devem conhecer à fundo a Convenção Coletiva de Trabalho (CCT). Na CCT estão formalizadas as conquistas das lutas e greves. Ela é resultado das disputas e negociações entre sindicatos patronais e de trabalhadores. Pela legislação trabalhista patronal e restritiva esta negociação acontece só uma vez por ano, na época da data-base. Para dividir a classe trabalhadora e dividir as lutas, cada categoria tem sua data-base em diferentes meses.

No caso dos trabalhadores da construção, a data-base é no dia 1º de novembro. Isto significa que, nesta data, índice de reajustes, pisos salariais, e outros direitos dos trabalhadores serão objeto de negociações. No decorrer das negociações somente as assembleias gerais de trabalhadores tem o poder legítimo de aceitar ou não os termos da Convenção. Após assinada a Convenção Coletiva de Trabalho, o documento deverá ser registrado e homologado no órgão regional do Ministério do Trabalho (DRT). As determinações da CCT atingem a todos os integrantes da categoria e não estabelecer parâmetros abaixo dos assegurados na CLT (Consolidação das Leis do Trabalho).

Em nossa convenção coletiva de trabalho estão registrados conquistas que para serem arrancadas dos patrões, teve que acontecer muitas mobilizações e greves:

- Café da manhã nos canteiros de obras;
- Cesta básica de 30 kgs;
- Não desconto da cesta básica por motivo de falta;
- Seguro de vida em grupo;
- Taxa de depreciação de ferramentas; etc.

Aumentar a participação na Escola Popular

A Escola Popular **OROCÍLIO MARTINS GONÇALVES** leva o nome do mártir da grande greve dos operários da construção de 1979 e nasceu da necessidade dos trabalhadores de suprir um direito que lhes foi negado; o direito de aprender a ler e escrever. A maioria dos operários vieram da roça e começaram a trabalhar muito cedo para ajudar os seus pais não podendo ter acesso as escolas regulares.

A Escola Popular completou 10 anos de existência no dia 3 de abril deste ano: uma década de muito empenho nas conquistas do conhecimento. Muitas lutas foram travadas em torno do desafio educacional de ler, escrever e interpretar. Centenas foram os operários que se formaram na escola, seja conquistando seu diploma de conclusão do 1º grau ou o de leitura e interpretação

de projetos arquitetônicos. Nosso desafio é avançar sempre, com cada vez mais trabalhadores participando da Escola Popular.

No Brasil 59 milhões de pessoas estão submetidas ao analfabetismo. Ler e escrever é um direito que nos foi roubado pelas classes dominantes, que só querem explorar a mão de obra e deixar os trabalhadores na miséria. Para eles não interessa o quanto sabemos e sim o quanto produzimos, por isso o desafio de libertar a Ciência e a Técnica, que está aprisionada nas mãos da burguesia, deve ser nosso: dos operários, dos camponeses, dos intelectuais honestos, enfim, de todos que defendam que a educação deve servir ao povo. Assim é a nossa Escola!

Dentre as realizações de 2009, foi feita a reforma no prédio da escola, tal tarefa contou com o trabalho coletivo e com a ajuda financeira de apoiadores da EPOMG e com a mão-de-obra dos alunos, que tiveram uma participação importante em todo o processo. A segunda realização também merece destaque, foram as comemorações da combativa greve de 1979. Foram também desenvolvidas atividades políticas e pedagógicas com uma grande participação dos operários da construção civil.

O cotidiano da Escola Popular é feito para os trabalhadores, todas as aulas, as celebrações e a organização da escola é voltada para avançar a consciência da classe.

Ler e escrever são direitos do proletariado. Um dos lemas da escola é: Ler, Escrever e Interpretar. Desafio que vem sendo cumprido cotidianamente com muita dedicação de um coletivo de alunos e professores. A coordenação da Escola é composta por alunos operários e professores. Todas as decisões são coletivas e além das aulas que são ligadas a realidade dos trabalhadores, é incentivado o trabalho coletivo. Nas aulas são debatidas as notícias dos jornais sobre a luta dos povos do Brasil e do Mundo, os boletins do Marreta e da Liga são lidos e debatidos, sempre celebramos as grandes datas do proletariado, assistidos filmes mostrando a resistência do proletariado pelo mundo afora. O aprendizado da leitura e da escrita é associado à necessidade de aumentar a organização classista dos trabalhadores.

Há muito ainda o que fazer. Devemos convidar mais colegas de trabalho para participar da escola, devemos fazer com que nossa classe tenha cada vez mais apreço pelo conhecimento, que busque a leitura, que construa coletivamente uma nova escola que sirva ao povo.

Portanto nossa tarefa é incentivar as centenas de operários que todos os dias se esforçam para estudar na Escola Popular Orocílio Martins Gonçalves, convidar outros para fazerem parte deste coletivo propagandeando que esta escola é de novo tipo, porque ela é comandada e construída pelos operários.

2. A luta dos trabalhadores no Brasil e no mundo

Muitas vezes ficamos envolvidos nas dificuldades da vida, nas tarefas das nossas lutas imediatas e perdemos de vista o que se passa em nosso país e no mundo. Ficamos espremidos pelo arrocho salarial e ritmo intenso de trabalho, a crescente precarização das condições de trabalho, os frequentes “acidentes de trabalho”; somos atingidos pela violência policial, pela precariedade do transporte, dificuldade de tratarmos nossa saúde e de encontrarmos uma boa escola para nossos filhos; tudo isso acontece e ficamos pensando que é o destino nosso.

Na nossa luta é preciso que a gente entenda que tudo acontece conosco não acontece por acaso e sim como consequência do desenvolvimento da luta de classes no Brasil e no mundo, e mais, que as nossas ações influenciam nesta luta e se elas crescem e se avolumam podem, inclusive, mudar os rumos

dos acontecimentos, chegando até a virar o jogo da luta entre dominantes e dominados. É importante entender também que não basta só as greves e luta de resistência contra os patrões. Essas lutas são necessárias mas só elas não mudam a situação de opressão em que vivemos. Se nos bastarmos a luta sindical seremos eternamente escravos dos patrões. O que precisamos é de mudanças profundas no Brasil e no mundo. Para isso a classe operária precisa tomar o poder e construir uma nova sociedade, sem exploradores e explorados, onde todos trabalhem e tenham seus direitos respeitados. O caminho é aliança dos operários com os camponeses pobres e a rebelião dos pobres no Brasil e em todos os países do mundo.

A crise se aprofunda no Brasil e em todo o mundo

A profunda crise na qual o sistema capitalista mundial mergulhou desde 2007 volta a mostrar seus sinais agudos. Na Grécia os trabalhadores e o povo estão em pé de guerra e a crise ameaça estourar com força em Portugal, Espanha e Irlanda. O euro sofre abalos, assim como o dólar, e o FMI aprovou um pacote de mais de 600 bilhões de euros para tentar salvar a economia combalida da Europa.

As medidas impostas pelo FMI, aprovadas no parlamento da Grécia e repudiadas pelos trabalhadores gregos que tomaram as ruas em grandes manifestações de protesto tem como objetivo demitir, arrochar mais os trabalhadores e destruir a pequena propriedade dos milhões de gregos a favor dos grandes capitais nacionais e internacionais. As medidas são o congelamento e redução de até 30% dos salários dos funcionários públicos e dos pensionistas do setor público e privado; além de aumento de impostos.

Inclui-se também nas medidas o objetivo de mudar as relações trabalhistas, debilitando os sindicatos, substituindo os contratos coletivos por contratos entre indivíduos e empresas, aumentando a porcentagem das demissões mensais no setor privado, promovendo o emprego precário e o emprego temporário e desestruturando o sistema de pensões.

A crise que surgiu nos Estados Unidos agora assola a Europa. E, como sempre acontece, suas classes dominantes tentam sair dela jogando sobre os ombros da classe operária e da população mais pobre o prejuízo pela evaporação de bilhões de dólares. Esta crise do imperialismo (sistema capitalista mundial) é inevitável e os capitalistas só podem empurrá-la pra frente. Cada vez é mais curto o espaço entre uma crise e outra, trazendo todo tipo de desgraças para os trabalhadores das cidades e do campo. Só a destruição do capitalismo poderá por fim definitivo a esta crise.

Aumenta a violência contra os povos

Em seu desespero para manter elevadas as suas taxas de lucro os capitalistas lançam mão da guerra de rapina para sugar os países oprimidos, os recursos naturais para suas indústrias e ao mesmo tempo, garantir mercados cativos para seus produtos e ainda obterem vultosos lucros com a comercialização de armas de todos os tipos, fazendo e fomentando a guerra de agressão contra os países e povos oprimidos.

Apesar de todo avanço no campo da ciência e tecnologia aumenta a fome no mundo e as doenças derivadas da subnutrição se espalham pelos continentes africano, asiático e latino-americano.

Os países dominantes, que enriqueceram à custa do roubo das riquezas dos países dominados, agora levantam muros para impedir a migração de legiões de famintos que fogem da miséria e da fome. O imperialismo só tem a oferecer aos povos oprimidos do mundo mais guerras e mais exploração.

Cresce a resistência dos povos agredidos

Barack Obama assumiu não só o posto, mas as mesmas posições de Bush na direção da agressão aos povos do Iraque e Afeganistão e, juntamente com Israel, no massacre do povo Palestino. Suas promessas de campanha logo foram desmascaradas e os soldados ianques são açoitados nos territórios ocupados. As patrióticas resistências do povo iraquiano, afegão e palestino não têm dado um minuto sequer de sossego aos invasores.

Outra lição importante de resistência vem da Índia onde os povos Adivasis, unidos as amplas massas exploradas e dirigidos pelo Partido Comunista da Índia (maoísta) realizam já há muitos anos uma invencível Guerra Popular, respondendo a violenta repressão do Estado indiano com a violência revolucionária organizada na força guerrilheira que tem imposto serias derrotas as classes dominantes daquele país e ao imperialismo. Também no Peru, nas Filipinas e Turquia as massas populares, principalmente os camponeses, dirigidos por seus respectivos partidos comunistas maoístas, sustentam heroicamente a Guerra Popular Prolongada, golpeando os latifundiários, a burguesia e o imperialismo. Em outras partes do mundo, lutas armadas também combatem as classes reacionárias exploradoras.

No Haiti, cresce a revolta das massas contra as forças de ocupação da ONU, dirigidas pelo exercito brasileiro e contra as tropas ianques que dominam o país. Assolados pela dominação estrangeira que vêm desde a primeira ocupação feita pelo Estados Unidos, em 1915, o povo do Haiti sofre com o saque e exploração secular das riquezas do seu país, agora agravado pela destruição causada pelo terremoto. Em muitos países, tanto dominados como países imperialistas (Estados Unidos, Japão, Europa, Rússia e China) as massas trabalhadoras respondem a crise com lutas massivas cada vez mais radicalizadas.

No Brasil o oportunismo ilude os pobres e ceva os ricos

Com a desculpa de evitar que a crise mundial afetasse o Brasil, Luiz Inácio jogou milhões de reais nos bolsos dos banqueiros, das construtoras, da indústria automobilística, das empreiteiras, do agronegócio (latifúndio de novo tipo) aumentando mais ainda a concentração de renda e a distância entre ricos e pobres no Brasil, mantendo a fama do país como um dos mais injustos do mundo.

Ampliando a sistema de credito para endividar a povo com a compra de eletrodomésticos enquanto favorecia a sistema financeiro com os juros exorbitantes, Luiz Inácio destacava este fato como a excelência da “democracia brasileira”.

Tudo isso veio abaixo com as enchentes em vários estados brasileiros que mostraram que esta “democracia brasileira” de Luiz Inácio é, na verdade, a vida mansa para os ricos e o inferno para os pobres. Debaixo das mais descaradas e demagógicas campanhas de que a vida do povo melhorou, os trabalhadores e aposentados vêm seus direitos cortados, os pobres cada vez mais vitimados pelas constantes catástrofes naturais que poderiam ser prevenidas e de epidemias e doenças facilmente curáveis. A epidemia de dengue, por exemplo, vitima se espalhou não só pelas cidades do país, mas também no meio rural. Até o dia 3 de abril foram confirmados 447.769 casos da doença transmitida pela mosquito *Aedes aegypti*, 79,8% a mais do que o notificado no mesmo período do ano passado (248.970) e já são 117 mortes registradas.

Os mortos, desaparecidos, feridos e desabrigados, no passado e no presente, pelo país afora desmascaram toda a propaganda mentirosa com que os oportunistas, a frente do gerenciamento do Estado burguês-latifundiário servil do imperialismo, tentam iludir a nossa gente.

Os trabalhadores brasileiros não suportam mais tanto arrocho salarial e precarização das condições de vida e de trabalho. Respondem com greves ao acirramento da exploração e opressão.

O oportunismo bajula a reação e aumenta a repressão sobre os pobres

O crescimento da violência policial, a criminalização dos movimentos sociais, o arrocho salarial, a retirada de direitos trabalhistas, mostram o quanto os verdadeiros donos do Estado se sentem a vontade para aumentar o nível de opressão e exploração sobre as classes trabalhadoras do Brasil. Basta que se vejam as declarações reacionárias da senadora Kátia Abreu e do ex-presidente do Supremo Gilmar Mendes e dos generais torturadores do regime militar para se ter a certeza da benevolência com que o gerenciamento petista bajula as classes dominantes.

Onde há opressão há resistência

Lutando contra a corrente o povo se organiza e luta no campo e na cidade. No campo, em luta contra os pistoleiros, a polícia e a justiça do latifúndio, avança a revolução agrária não apenas na tomada das terras do latifúndio como na organização da produção e da luta pelo poder popular. Na cidade, a despeito dos pelegos, as greves pipocam em todas as categorias de trabalhadores, tanto públicas como privadas, e, nas favelas e bairros populares o povo fecha ruas, queima pneus, incendeia ônibus e quebra trens demonstrando sua insatisfação com o podre Estado que mais do que nunca sob a gerência dessa falsa esquerda canalha é o protetor dos ricos e opressor dos pobres.

Desmascara-se a farsa eleitoral

A luta contra o velho Estado revela que: uma coisa são os verdadeiros donos do poder que, inclusive, determinam quem deverá ocupar os cargos de governo para gerenciarem os interesses dos poderosos e oprimir as pobres e outra coisa são os políticos que nas eleições prometem mundos e fundos ao povo e depois de eleitos viram as costas a quem os elegeu passando a defender os interesses dos verdadeiros donos do poder.

De eleição para eleição aumenta o número de pessoas que repudiam o processo eleitoral espúrio e seus partidos oportunistas. O discurso mentiroso e a propaganda enganosa paga à custa do dinheiro público já não convencem. Desmascara-se a farsa eleitoral.

Por outro lado, a idéia da revolução começa a tomar substância no desenvolvimento da revolução agrária, como parte da revolução democrática ininterrupta ao socialismo, em nosso país.

Cabe, portanto, àqueles que aprofundaram a consciência de que essas eleições não passam de um teatro à serviço dos bilionários, organizar comitês de luta pelo boicote a farsa eleitoral, desencadeando uma intensa campanha de agitação e propaganda em torno de “eleição não, revolução sim”.

Avançar com a organização da Liga Operária

Avançar com a organização da Liga Operária é uma tarefa muito importante para enfrentar a onda de oportunismo e colaboração de classes que predomina no movimento sindical. A maioria das entidades hoje está ligada ao governo e serve de instrumento de conciliação e traição a luta dos trabalhadores.

Organizar núcleos da Liga Operária nas regiões e nos locais de trabalho é muito importante para ampliar a luta da classe e resistir a onda de precarização e retirada de direitos.

A Liga Operária é uma coordenação de lutas, surgiu de nossa ruptura com o sindicalismo de Estado em setembro de 1995 e foi conformada em seu primeiro Congresso realizado em março de 1997. Tem marcado sua existência pela defesa da luta classista e combativa e pelo combate implacável ao oportunismo, ao corporativismo, à colaboração de classes, ao legalismo e ao pacifismo tão característicos deste velho e falido sindicalismo brasileiro, representado pelas atuais centrais sindicais governistas.

Princípios da Liga Operária

A Liga Operária parte dos seguintes princípios:

- 1) As massas fazem a história.
- 2) A luta reivindicativa é importante mas o principal é o poder.
- 3) Combater o oportunismo como perigo principal.
- 4) Rebelar-se é justo.
- 5) Apoiar-se nas próprias forças.

Fortalecer a resistência, a aliança operário-camponesa e preparar a Greve Geral

É fundamental avançar a resistência e a mobilização dos trabalhadores para enfrentarmos o arrocho salarial, a precarização das condições de trabalho e os ataques aos nossos direitos sindicais e trabalhistas. O caminho é resistir aos golpes da patronal e seu governo e ampliar a discussão na base sobre a necessidade da preparação da Greve Geral de todos trabalhadores brasileiros.

Enquanto os trabalhadores sofrem com o arrocho salarial, o desemprego e a miséria, as centrais pelegas bajulam o governo e se preparam para jogar pesado na farsa eleitoral e eleger os candidatos oficiais. /financiadas por recursos públicos das empresas estatais, bancos e grandes empresas promovem shows de demagogias onde tem o desplante de elogiar o miserável salário mínimo que não garante a aquisição sequer a alimentação necessária para o trabalhador e sua família.

Para combater o arrocho e as medidas de ataque aos direitos dos trabalhadores, devemos aumentar a discussão sobre a necessidade GREVE GERAL, como é o caso da Grécia e outros países onde os trabalhadores deflagram fortes movimentos de paralisação geral.

Para isso devemos fortalecer a Liga Operária e as articulações com o conjunto das entidades que se coloquem contra as medidas antipovo do governo de turno e do Estado burguês genocida.

É fundamental também o apoio de todos operário à luta dos camponeses pobres pela terra e pelo fim do latifúndio e o reforço da aliança operário-camponesa. A Revolução Agrária, integrando a Revolução.